

Vida e morte em Freud e Bergson: o debate sobre a lei da entropia e a teoria do plasma germinativo em *Além do princípio do prazer* e *A evolução criadora*

Life and death in Freud and Bergson: the debate about the entropy Law and the germi plasm theory in Beyond the pleasure principle and The creative evolution

Palavras-chave: Freud. Bergson. Morte. Vida. Entropia. Plasma germinativo

Key-words: Freud. Bergson. Death. Life. Entropy. Germ plasm theory

Resumo

Bruno Batista Rates

doutorando em Filosofia pela

UFSCar

bbrates@gmail.com

Após constatar que a compulsão de repetição é mais “elementar” e “primordial” que o princípio do prazer, Freud, em *Além do princípio do prazer*, enveredará para o caminho da *especulação* e reorganizará a sua teoria das pulsões, estabelecendo, assim, de forma definitiva, a primazia da pulsão de morte. Uma das consequências desta descoberta será a ideia de que “o objetivo de toda vida é a morte” e que “o inanimado existia antes que o vivente”. Viver, portanto, segundo o inventor da psicanálise, é conservar um “velho estado inicial que o vivente abandonou certa vez e ao qual ele se esforça por voltar” e não ir em direção a um “estado nunca antes alcançado”. Ora, tal caráter conservador da vida parece se contrapor frontalmente à concepção defendida por Bergson, 13 anos antes, em *A evolução criadora*, onde a vida é caracterizada como “exigência de criação”. Nosso texto se debruçará, assim, sobre estas duas concepções aparentemente irreconciliáveis de vida e morte, examinando também as duas referências científicas cruciais para a construção do argumento freudiano e bergsoniano em questão: o segundo princípio da termodinâmica ou “lei da entropia” e a teoria do “plasma germinativo” proveniente da embriologia de August Weismann.

Abstract

ISSN 2359-5140 (Online)
Ipseitas, São Carlos, vol.4,
n.1, p. 50-63, jan-jul, 2018

After realizing that the repetition compulsion is more “elemental” and “primordial” than the pleasure principle, Freud, in *Beyond the pleasure principle*, will “speculate” and reorganize his theory of drive, establishing, thus, its definitive form, i.e. the primacy of the death drive. One of the consequences of this discovery will be the idea that “the goal of all life is death” and that “the inanimate existed before the living.” To live, therefore, according to the inventor of psychoanalysis, is to preserve an “old initial state that the living one abandoned once and to which he strives to return”, and not to go towards a “never be-

fore achieved state”. Such a conservative character of life seems to be in direct opposition to the conception defended by Bergson, 13 years earlier, in *Creative evolution*, where life is characterized as a “exigence of creation”. Our text will look at these two apparently opposing conceptions of life and death, also examining the two crucial scientific references for the construction of the freudian and bergsonian argument in question: the second principle of thermodynamics or “law of entropy” and the “germ plasm theory” from the embryology of August Weismann.

1. As relações factuais entre Freud e Bergson

“Bergson, Freud e Einstein foram os três homens que mais influenciaram o pensamento moderno” ¹. É com essa frase que o então primeiro-ministro britânico, Lord Arthur James Balfour, inicia seu discurso na ocasião da cerimônia de abertura da Universidade Hebraica, no ano de 1925, em Jerusalém. Considerando-se crível tal declaração e atendo-se apenas aos nomes de Freud e Bergson, poderíamos nos perguntar: o que une tais pensadores, além das marcas que deixaram sobre a paisagem intelectual do século XX? Do ponto de vista exclusivamente historiográfico é muito difícil estabelecer uma relação entre Freud e Bergson, mesmo que ambos tenham vivido praticamente no mesmo período (Freud e Bergson nasceram em 1856 e 1859, e morreram em 1939 e 1941, respectivamente) e tenham conhecido ainda em vida um prestígio considerável, o que aumenta em muito a probabilidade de leituras mútuas (Freud é laureado com o prêmio Goethe em 1930 e Bergson recebe o Nobel de literatura em 1927). Em todos os volumes de obra freudiana só há menção ao filósofo francês em *O chiste e sua relação com o inconsciente*, de 1905, em que o psicanalista discute algumas teses presentes no livro *O riso*, publicado em 1900. Além disso, a leitura é eminentemente crítica, pois apesar de “belo e vivaz” ², segundo as palavras do próprio Freud, *O riso* de Bergson, “não oferece um esclarecimento satisfatório” ³ no tocante a ligação entre o cômico e o fenômeno da imitação. Ao fim de seu texto, o veredito é ainda mais contundente: “é preciso dar um passo a mais que Bergson” ⁴, conclui o inventor da psicanálise. Em contrapartida,

1 JONES, E. *The life and work of Sigmund Freud – vol. 3*. New York: Basic books, 1957, pp. 109-110. GAY, P. *Freud. A life for our time*. New York/London: W.W. Norton & Company, 1998, p. 455.

2 FREUD, S. *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten* (1905) in FREUD, S. *Gesammelte Werke VI*. London: Imago, 1940/ Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1968, p. 253. Vinte anos depois, no prefácio a 24a edição de *O Riso*, Bergson citará o texto de Freud numa lista bibliográfica relativa ao tema.

3 *Idem*, p. 238.

4 *Idem*, p. 257.

da parte de Bergson, as referências a Freud são um pouco menos escassas e mais benevolentes, estando presentes já em 1896 em *Matéria e memória* no excerto dedicado à questão da afasia (onde ele cita justamente *Os estudos sobre a afasia* de Freud, de 1891) ⁵ e na conferência “O sonho”, de 1901, em que ele se vincula “inteiramente às posições de Freud” sobre as “fantasias do sonho” ⁶. Mas se deixarmos de lado as relações factuais entre ambos os pensadores, perceberemos que os temas passíveis de confronto se encontram alhures, como é o caso dos conceitos de “vida” e “morte”, elaborados de modo mais detido em *A evolução criadora*, de 1907, e em *Além do princípio do prazer*, de 1920.

2. Vida e morte em *A evolução criadora*

Se a dificuldade de apreensão do conceito de vida em *A evolução criadora* é decorrente de suas diversas aparições e definições, o mesmo não se pode dizer sobre a morte. Alvo de críticas justamente pela sua quase ausência, o conceito de morte aparece raras vezes ao longo do livro, oferecendo munição às acusações de excesso de “otimismo” e “triumfalismo” da “potência vital”, mesmo que Bergson insista inúmeras vezes no caráter imprescindível da *finitude* do elã vital, quer dizer, de sua constitutiva limitação ⁷. Além disso, considerando-se que o conceito central na filosofia bergsoniana, a duração, se estende ao domínio do inorgânico, fica caduca a identificação tradicionalmente feita entre a morte e o inanimado. Tal como o mundo orgânico, a matéria inerte, ou melhor, a *materialidade*, desde ao menos *Matéria e memória*, é temporal, excluindo assim os predicados tão comumente a ela atribuídos de imobilidade e previsibilidade absoluta. A duração “é o princípio de toda vida como também de toda materialidade” ⁸ escreverá o filósofo em *A evolução criadora*. Mas isso não significa que não haja espaço para se pensar a morte e que a diferença entre o orgânico e o inorgânico, ou, em outras palavras, entre a “vida” e a “morte”, tenha sido abolida por Bergson, muito pelo contrário. Em duas ocasiões cruciais em *A evolução criadora* ele tocará no tema da morte e da sua relação com a vida. A primeira quando discute os processos “anagenéticos” e “catagenéticos” elaborados pelo embriologista e paleontólogo, um dos fundadores da escola neo-lamarckista americana, Edward Drinker Cope (1840-1897), como aporte para pen-

5 BERGSON, H. *Matière et mémoire*. Édition critique. Paris: PUF, 2008a, p. 137.

6 BERGSON, H. *Le rêve* in BERGSON, H. *L'énergie spirituelle*. Édition critique. Paris: PUF, 2009, p. 107.

7 BERGSON, H. *L'évolution créatrice*. Édition critique. Paris: PUF, 2008 (b), pp. 127, 142, 254.

8 *Idem*, p. 239.

sar a articulação entre energia (calor) e morte ⁹. A segunda ocasião, mais importante neste momento para os nossos propósitos – já que aponta não tanto para a identificação entre o inorgânico e a morte, mas para a existência ou não de uma tendência vital dirigida à morte – o filósofo aventa uma hipótese sobre a razão dos indivíduos morrerem, tendo em vista a aparente contradição entre a morte individual e as aspirações da vida enquanto tal, ou, como ele mesmo quer, da “vida em geral”. Se a vida é “criação contínua” que procura a todo custo “prolongar-se”, como explicar que os indivíduos – e mesmo as espécies – possuem um período de vida limitado, quer dizer, que eles morrem? Após argumentar que o universo possui duas direções de um mesmo movimento, uma tendendo à materialidade e outra à vida, dirá Bergson:

“[...] no mundo organizado, a morte dos indivíduos não aparece como uma diminuição da ‘vida em geral’ ou como uma necessidade à qual esta se submeteria a contragosto. Como se observou mais de uma vez, a vida nunca se empenhou em prolongar indefinidamente a existência do indivíduo, ao passo que em tantos outros pontos ela fez muitos esforços felizes. Tudo se passa *como se* a morte tivesse sido querida ou ao menos aceita, para o maior progresso da vida em geral” ¹⁰.

Em um primeiro nível, o argumento apresentado por Bergson segue a concepção evolucionista de que a morte é uma espécie de regulador dos perigos da superpopulação mundial, ou seja, se os indivíduos não morressem, a vida se tornaria insustentável de um ponto de vista geral e nenhum indivíduo novo se desenvolveria. Na sua obra posterior, *As duas fontes da moral e da religião*, tal argumento, no caso particular da espécie humana, é reforçado pela ideia de que a superpopulação do planeta Terra levaria à escassez dos recursos naturais e, por conseguinte, à guerra e à supressão da vida enquanto tal ¹¹. No entanto, o que nos importa reter no excerto supracitado é que a morte não é um fator externo à vida, um “acidente” por assim dizer, mas um fator interno, “necessário” à própria vida. Mas constituir-se como um fator interno não deve ser entendido como uma vontade da vida de “querer morrer”, pois ainda que a morte não aconteça “a contragosto” da força vital, esta não faz senão que “aceita-la”, deixando-a aconte-

9 *Idem*, p. 35. Segundo Cope em seu *The primary facts of organic evolution*, anagênese é um fenômeno que representa o aumento de energia nos tecidos vivos, enquanto que a catagênese representaria a queda de energia nos mesmos tecidos.

10 *Idem*, p. 248. Esta passagem um pouco esquecida de *A evolução criadora* foi lembrada por FRANÇOIS, A. La division de la vie: création, conservation e pulsion de mort chez Bergson et Freud in SITBON, B. (dir.) *Bergson et Freud*. Paris: PUF, 2004. Nos inspiramos largamente neste texto de Arnaud François para construirmos nossa argumentação.

11 BERGSON, H. *Les deux sources de la morale et de la religion*. Édition critique. Paris: PUF, 2013, pp. 307-309.

cer ¹². Para os mais familiarizados com a obra de Freud, não é difícil perceber o primeiro ponto de divergência fundamental das reflexões bergsonianas com a ideia de “pulsão de morte” proposta pelo psicanalista austríaco. Passemos então à análise de como este último problematiza tais temas em *Além do princípio do prazer*.

3. Vida e morte em Além do princípio do prazer

Apesar de todas as dúvidas e polêmicas que assolam o leitor de *Além do princípio do prazer*, um elemento parece ser incontestável para Freud, elemento que, como sugeríamos algumas linhas acima, já revela uma diferença fundamental com Bergson: a existência de pulsões dirigidas em direção à morte. Segundo ele, todo organismo quer morrer e a meta da vida é a morte ¹³. Tal meta vital é explicada num plano mais fundamental, ou seja, referente à diferenciação entre o inorgânico e o orgânico, através da hipótese da anterioridade da matéria inerte em relação ao vivente ¹⁴. Problematizando o que ele denomina de “princípio do prazer”, cuja máxima é que todo organismo visa diminuir a quantidade de tensão, Freud dirá que tal descarga de energia deve ser fundamentada na ideia de que todo organismo procura restabelecer um estado anterior¹⁵ e que, como “o inanimado existia antes que o vivente” ¹⁶, a restauração, a repetição, ou ainda, o caráter conservador que define toda pulsão só pode ter como objetivo voltar ao estado inicial, onde inclusive toda e qualquer tensão era ausente. Mas o que mais nos interessa por ora é acompanhar a posição de Freud em relação ao que seria a *outra meta* das pulsões, quer dizer, à sua possibilidade criativa. Afinal, se toda pulsão é um “impulso, presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior” ¹⁷, revelando assim “a tendência conservadora do vivente” ¹⁸, como pensar, no interior da vida, as dimensões de mudança e desenvolvimento, isto é – para utilizar um termo caro a Bergson –, como pensar a dimensão da criação ¹⁹? Aventando a existência de uma pulsão de vida, escreverá o psicanalista:

“A objeção natural de que pode haver, além das pulsões conservadoras que obrigam à repetição, também outras, que impelem a criação de novas formas e ao progresso, não pode ser desconsiderada; mais adiante ela será incluída em nos-

12 FRANÇOIS, A. 2004, pp. 122-123.

13 FREUD, S. *Jenseits des Lustprinzips* (1920) in FREUD, S. *Gesammelte Werke XIII*. London: Imago, 1940/ S. Fischer Verlag: Frankfurt am Main, 1968, p. 40.

14 *Idem*.

15 *Idem*, p. 38.

16 *Idem*.

17 *Idem*.

18 *Idem*.

19 *Idem*, pp. 43-45.

Posteriormente, Freud ainda se perguntará: existiriam “pulsões que aspirem a um estado jamais atingido” 21? Contrariamente à resposta afirmativa de Bergson a tal questão, Freud concluirá:

“Não sei, no mundo orgânico, de exemplo seguro que contradiga a caracterização aqui proposta. Certamente não se constata, no mundo das plantas e dos animais, uma pulsão universal rumo ao desenvolvimento mais elevado, embora permaneça indiscutível que há tal direção no desenvolvimento”22.

Mas então a resposta toma um rumo inesperado, pois Freud não utilizará indícios científicos de imutabilidade evolutiva para reforçar seu argumento, como Bergson havia feito para ponderar a sua própria tese, ao discutir, em *A evolução criadora*, os “Foraminíferos [que] não variaram desde a época siluriana” 23 e os “Lingulos [que] são hoje o que eram nos tempos mais afastados da era paleozoica”, como bem nos lembra Arnaud François 24. Freud não pode admitir o critério da criação no processo evolutivo, pois, para ele, isso levaria a uma avaliação axiológica dos estágios de desenvolvimento dos organismos, o que poderia acarretar num “fantasioso” *antropomorfismo*. “Frequentemente não passa de nossa avaliação quando afirmamos que um estágio de desenvolvimento é mais elevado que outro” 25, dirá. Ademais, todo e qualquer desenvolvimento ou regressão no vivente ocorre por “forças externas que impelem a adaptação, e o papel das pulsões poderia limitar-se, em ambos os casos, a reter como fonte interna de prazer a mudança imposta” 26. Segue-se daí também a hipótese anatômica e fisiológica de que uma função ou um órgão, dependendo da perfectibilidade de seu exercício, pode sofrer ou causar atrofia de outro órgão ou de outra função. À revelia da *evolução criadora* bergsoniana, encontramos em Freud uma “evolução” por *conservação, reação e defesa*, que inclusive enxergará “o que há de mais precioso na cultura humana” como resultado da resistência e da repressão pulsional. Se o crivo do sucesso da vida em Bergson é a inserção de indeterminação

20 *Idem*, p. 39.

21 *Idem*, p. 43.

22 *Idem*.

23 BERGSON, H. 2008b, p. 103. De acordo com a nota da edição crítica (p. 446), estabelecida por Arnaud François, os Foraminíferos são “uma certa ordem de protozoários rizópodes. Eles possuem o corpo coberto por uma pequena concha calcária e são, na maioria dos casos, marinhos. Sua imutabilidade é atualmente contestada”.

24 *Idem*. Ainda segundo a nota da edição crítica (p. 446), os Lingulos são “um gênero de moluscos com concha bivalva, providos de um pedúnculo (braquiopodes). São conhecidos sob a forma de fósseis desde o período cambriano” (primeiro período da era paleozoica, 542 milhões de anos atrás).

25 FREUD, S. 1920, pp. 43-44.

26 *Idem*, p. 44.

na matéria inerte²⁷ - o que inclusive explicaria a “superioridade” da espécie humana –, no caso freudiano, é a capacidade de renúncia à sua própria tendência que dá o tom do triunfo vital – triunfo, é bom lembrar, sempre provisoriamente “negociado” e presente apenas “numa minoria de indivíduos”²⁸ que compõe a humanidade.

4. As referências científicas e seus respectivos usos (1): a segunda lei da termodinâmica ou a “lei da entropia” entre Metapsicologia e Metafísica.

O sentido da utilização de dados científicos tanto em Bergson quanto em Freud foi e ainda é objeto de muita polêmica entre os estudiosos. No caso do filósofo, é a suposta incompatibilidade da metafísica por ele proposta – notadamente, uma metafísica da vida em *A evolução criadora* – com a dimensão irreduzivelmente empírica da ciência, o palco de discussão que divide a fortuna crítica que se debruça sobre o seu pensamento. De certo modo, é mais ou menos tal imbróglio que envolve a psicanálise freudiana quando seu inventor propõe uma metapsicologia, ou seja, uma explicação especulativa – e, portanto, *supostamente* fora dos parâmetros da experiência científica e mesmo da experiência clínica – sobre o funcionamento do aparelho psíquico²⁹. Em *Além do princípio do prazer* a especulação entra a serviço da investigação de algo “mais originário, mais elementar, mais pulsional [*triebhaft*] que o princípio do prazer”³⁰ que, como pudemos perceber anteriormente, trata-se da conservação de um estado anterior à excitação e à sua decorrente tensão e, por conseguinte, do retorno ao que precedeu a vida em seu caráter mais elementar, o inorgânico. *Metafísica da vida e metapsicologia da morte*. Forçando um pouco os termos é mais ou menos assim que definiríamos os dois modelos explicativos de Bergson e Freud que acompanhamos até agora, no que diz respeito ao tratamento do impulso vital. No entanto, apesar da diferença fundamental entre as duas empreitadas, duas referências científicas são utilizadas tanto pelo filósofo como pelo psicanalista: a segunda lei da termodinâmica – mais conhecida como lei da entropia

27 BERGSON, H. 2008b, p. 252.

28 FREUD, S. 1920, p. 44. O argumento do gênio, tão caro à filosofia alemã, parece ser aqui atualizado. Também no caso de Bergson, o papel das “grandes personalidades” – posteriormente encarnadas na figura do místico – parece ir na mesma direção.

29 É preciso lembrar que também o método psicanalítico (a clínica) e o que há de observável na teoria – os conceitos de sexualidade e repressão – foram duramente criticados por sua suposta falta de rigor científico. Uma crítica séria pode ser encontrada em GRÜNBAUM, A. *The foundations of psychoanalysis. A philosophical critique*. Berkeley: University of California Press, 1984.

30 FREUD, S. 1920, p. 22-23. Sobre o significado do conceito de especulação em Freud, nos remetemos a FULGENCIO, L. *O método especulativo em Freud*. São Paulo: Educ, 2008. Mais recentemente: FULGENCIO, L. *Mach & Freud. Influências e Paráfrases*. Edições Concern: São Paulo, 2016. Estes dois livros podem ser considerados, de certo modo, como uma resposta às críticas de Grünbaum.

pia – e a teoria do plasma germinativo, proposta pelo biólogo alemão August Weismann.

A discussão em *Além do princípio do prazer* que antecede o estabelecimento da pulsão de morte em uma de suas versões, isto é, como “igualização” de todas as tensões, diz respeito ao fato de que “o princípio do prazer deriva do princípio de constância [...] [e] subordina-se, como caso especial, ao princípio fechneriano da tendência à estabilidade”³¹. O “grande” Gustav Fechner, segundo as palavras do próprio Freud³², foi o primeiro a introduzir o princípio de conservação de energia na psicologia, o que o permitiu não só o desenvolvimento da psicofísica, como também justamente a elaboração do princípio de constância, cuja ideia é de que um organismo tende sempre a estabilizar seus níveis energéticos, sendo o desprazer o afastamento de tal estabilidade (ou o movimento em direção à instabilidade) e o prazer o retorno à estabilidade. Ora, a tendência de estabilização de um organismo remete à segunda lei da termodinâmica, popularmente conhecida como a lei da entropia³³. Como sabemos, de acordo com esta lei, todo sistema fechado tende à eliminação de suas diferenças energéticas internas, visando o máximo de equilíbrio e estabilidade. Tal tendência à equalização é medida por uma grandeza chamada de entropia e, como sua diminuição é considerada impossível – em sua concepção não probabilística, é preciso dizer – ela indica a irreversibilidade dos sistemas termodinâmicos. Levada às últimas consequências, a entropia indicaria não somente a tendência à estabilidade energética dos sistemas, mas a “morte térmica” do universo, onde reinaria a completa homogeneidade³⁴. Ora, a constatação do aumento irreversível de entropia é de suma importância para Bergson. Ele discutirá textualmente as implicações da segunda lei da termodinâmica em *A evolução criadora* – ou, segundo suas próprias palavras, a *lei da degradação de energia* ou *princípio de Carnot* – conferindo-lhe um significado surpreendentemente distinto de Freud. O fato de que “todas as mudanças físicas têm uma tendência em se degradar em calor”³⁵, não indica, como quer *Além do princípio do prazer*, que “o processo vital do indivíduo tende, por razões internas, a igualização de tensões químicas, ou seja, à morte”³⁶. Bergson enxerga aí justa-

31 FREUD, S. 1920, p. 4.

32 *Idem.* ELLENBERGER, H. F. *The Discovery of the Unconscious*. Fontana Press: New York, 1970, pp. 215-218.

33 Objeções sobre a leitura e a apropriação que Freud faz do princípio de estabilidade de Fechner bem como sobre a aproximação entre a pulsão de morte e a segunda lei da termodinâmica podem ser encontradas em SULLOWAY, F. J. *Freud, Biologist of the Mind*. Basic Books: New York, 1979, pp. 404-409.

34 CAPEK, M. *The philosophical impacts of contemporary physics*. Van Nostrand Reinhold Company: New York, 1961, pp. 128-132, 348-354.

35 BERGSON, H. 2008b, p. 244.

36 FREUD, F. 1920, p. 60.

mente – e paradoxalmente – a marca da “direção em que segue o mundo”³⁷, ou seja, a marca da *irreversibilidade da duração*; a lei da degradação de energia é um forte aliado na batalha do filósofo francês contra a tese da atemporalidade do universo. O importante para ele é que a entropia mostra que o universo *está em movimento*, e não propriamente *para onde* ele se move. Seguindo a terminologia freudiana, mas invertendo-a, diríamos que a meta da vida é a própria mudança e não exatamente a morte. A morte “aceita” pela vida, da qual falávamos anteriormente, deve ser vista aqui como a inevitável dissipação do calor através de suas contínuas transformações em trabalho, revelando, assim, o caráter criativo da realidade³⁸. E mesmo que toda forma orgânica fosse destruída, os eventos físicos permaneceriam, já que tais eventos são *proto-vitais*, para usar a expressão do físico teórico Milic Capek ao comentar a filosofia bergsoniana³⁹. Ademais, ainda na companhia de Capek, podemos considerar que a supressão de todos os organismos significaria apenas a destruição de todas as manifestações da vida, e não propriamente de seu princípio⁴⁰, que é a criação e a mudança. Mas se, para Bergson, a vida e a materialidade compõem um *mesmo* movimento, elas também são, como apontávamos anteriormente, duas tendências *distintas* deste fundo comum. E tal distinção revelará outra diferença fundamental com Freud, pois a vida, ao contrário do que quer este último, não tende necessariamente à descarga que visa à equalização de energia, mas ao seu armazenamento momentâneo. E muito menos à morte, mas à sua “retardação”. Escreverá Bergson em *A evolução criadora*:

“[A vida] não tem o poder de inverter a direção das mudanças físicas, tal como o princípio de Carnot a determina. Ela se comporta, ao menos, absolutamente como faria uma força que, deixada a si mesma, trabalharia na direção inversa. Incapaz de deter a marcha das mudanças materiais, ela consegue, no entanto, retardá-la”⁴¹.

A vida seria então “anti-entrópica” ou, como sugere o físico Felix Auerbach, “ectrópica”⁴², quer dizer, ela operaria na direção oposta à segunda lei da termodinâmica. É isso que nos mostra a linha evolutiva

37 BERGSON, 2008b, p. 244.

38 Tal é um dos sentidos não só da diferença entre *A evolução criadora* e *Além do princípio do prazer*, mas também da crítica feita por Bergson ao livro de André Lalande, cuja tese também se assenta sobre a primazia da morte (dissolução) sobre a vida (evolução) ou, nos termos spencerianos utilizados pelo autor, da “passagem do heterogêneo ao homogêneo” sobre a “passagem do homogêneo ao heterogêneo”. BERGSON, 2008b, pp. 247-248/nota 1. LALANDE, A. *La dissolution opposé à l'évolution*. Félix Alcan, 1899, capítulos II e III.

39 CAPEK, M. *Bergson's thoughts on entropy and cosmogony* in CAPEK, M. *Bergson and Modern Physics*. D. Reidel Publishing Company: Dordrecht, 1971, p. 395.

40 *Idem*.

41 BERGSON, H. 2008b, pp. 246-7.

42 AUERBACH, F. *Ektropism oder die physikalische Theorie des Lebens*. Jena, 1910. CAPEK, 1971, pp. 393 e 397 (nota 56).

da vida. Ao criar estruturas cada vez mais complexas e improváveis, a vida suspende, ao menos temporária e localmente, uma dissipação contínua de energia. Daí uma das definições presentes em *A evolução criadora*, cheia de conseqüências, de que “a vida é uma realidade que se faz através de uma realidade que se desfaz”⁴³. Um último ponto a ser mencionado é que tais estruturas orgânicas complexas são também um meio pelo qual a “indeterminação microfísica é transmitida e amplificada para tornar-se macrofísicamente *efetiva*”⁴⁴. Dizíamos que a barragem de energia feita pelos organismos é momentânea; ela o é, pois, tal energia será utilizada para ser transformada em movimento ou, em termos físicos, convertida em trabalho (Bergson usa aqui a imagem do canhão e de sua força explosiva⁴⁵). Neste sentido, e apenas neste sentido, a vida visa “descarregar energia”, como quer Freud. A comparação para por aí porque para Bergson, “o alívio da tensão” por meio do movimento não visa equalizar internamente a quantidade energética que, no seu limite, significaria a tendência à morte. É por isso que *a vida tende não ao retorno ao inanimado, mas a agir sobre ele*. E quanto mais complexa a estrutura orgânica, mais efetivo e imprevisível será o movimento por ela executado, como nos mostra a evolução do sistema nervoso desde o organismo unicelular mais elementar, “passando pelos insetos altamente dotados até os vertebrados mais inteligentes”⁴⁶. Em outra passagem, Bergson dirá que o mecanismo neural alojado no sistema cérebro-espinhal⁴⁷ é um verdadeiro “reservatório de indeterminação”⁴⁸. Se para a “metapsicologia da morte”, a vida quer “*morrer ao seu modo*”⁴⁹ através da suspensão momentânea do princípio do prazer pelos fenômenos de repetição e pelas exigências encarnadas pelo princípio de realidade, para a “metafísica da vida”, a vida quer “*agir ao seu modo*”, através de movimentos livres, de gestos criativos marcados pela imprevisibilidade.

5. As referências científicas e seus respectivos usos (2): a teoria do “plasma germinativo” entre Metapsicologia e Metafísica

Outra referência científica comum é a discussão que ambos fazem da doutrina de August Weismann (1834-1914), figura onipresente em quase todos os debates biológicos da época. Ao afirmar, entre os anos 1880-1890, a incomunicabilidade radical entre as células corporais ou

43 BERGSON, H. 2008b, p. 248.

44 CAPEK, M. 1971, pp. 348-9.

45 BERGSON, H. 2008b, pp. 99-100.

46 *Idem*, p.127.

47 BERGSON, H. *L'âme et le corps* in BERGSON, H. 2009, pp. 43-44.

48 BERGSON, 2008b, p.127. Também: BERGSON, H. 2008a, pp. 29, 33, 65-66.

49 FREUD, S. 1920, p. 41.

somáticas (*soma*) e as células sexuais ou germinativas (*germen*), este professor de Zoologia da Universidade de Freiburg fez uma enorme contribuição para dois temas que assolavam as ciências da vida, a variação e a hereditariedade. A partir desta distinção torna-se possível afirmar a continuidade no processo geracional do mesmo “plasma” germinativo, a despeito da morte das células somáticas. Em outras palavras, as células sexuais, ligadas à reprodução e à conservação da espécie são, de direito, imortais, apesar da mortalidade do corpo: a indivisibilidade do plasma germinativo se oporia a divisibilidade dos processos de degradação e morte ⁵⁰. Tudo indica, à primeira vista, a identificação do dualismo proposto por Weismann ao, como quer o próprio Freud, seu próprio dualismo da pulsão de vida e pulsão de morte (que equivaleriam, em linguagem weissmanniana, respectivamente ao *germen* e ao *soma*). No entanto, ao examinar mais atentivamente alguns postulados propostos por Weismann, ele afastará tal possibilidade de aproximação, pois para o zoologista não há diferença entre *germen* e *soma* nos protozoários unicelulares, ocorrendo somente em organismos pluricelulares. A consequência é inadmissível para Freud: se os organismos unicelulares são potencialmente imortais devido a sua indistinção entre *germen* e *soma*, a morte só adviria posteriormente, sendo uma aquisição tardia dos organismos pluricelulares, os metazoários, o que a impediria de “ser apreendida como uma necessidade absoluta, fundamentada na essência da vida” ⁵¹. Daí as referências aos estudos de dois pesquisadores dos protozoários – que também serão discutidos por Bergson no primeiro capítulo de *A evolução criadora* –, o botanista francês Émile Maupas (1867-1916) e biólogo americano Gary Nathan Calkins (1868-1943). Ainda que não confirmem à morte o estatuto de fundamento da vida, eles relativizarão o caráter imortal dos organismos unicelulares através de experimentos com protozoários, mostrando que, após um certo número de divisões, há um esgotamento de seu poder reprodutivo. No caso específico de Émile Maupas, os efeitos de tal diminuição podem ser contrapostos através da conjugação celular, o que inclusive dará munção para Freud aproximar a sexualidade da autoconservação, já que tal conjugação pode ser considerada como “precursora da reprodução sexual” ⁵². Examinando tais considerações do ponto de vista dinâmico e não mais morfológico (estático) como queria Weismann,

50 BOWLER, P. J. *The Eclipse of Darwinism*. The John Hopkins University Press: Baltimore, 1992. BOWLER, P. J. *Evolution: The History of an Idea*. University of California Press: Berkeley, 1989, pp. 250-253. PICHOT, A. *Histoire de la notion de vie*. Gallimard: Paris, pp. 860-906. BERTHELOT, R. *Sur le darwinisme, le lamarckisme weissmannien et le cuviérisme évolutionniste* in BERTHELOT, R. *Évolutionnisme et platonisme*. Félix Alcan: Paris, 1908, pp. 287-304.

51 FREUD, S. 1920, p. 49.

52 *Idem*, p. 51.

Freud concluirá que a afirmação do zoologista alemão de que “a morte é uma aquisição posterior, vale apenas para as expressões manifestas da morte, não tornando impossível uma suposição relativa aos *processos que impelem à morte*”⁵³. Sendo assim, o psicanalista pode concluir que “dada a notável semelhança da distinção feita por Weismann entre soma e plasma germinativo com a nossa separação entre pulsões de morte e pulsões de vida, ela continua a existir e mantém o seu valor”⁵⁴.

A doutrina de Weismann é crucial para os propósitos de *A evolução criadora*. Mas ao contrário de Freud, o que encantará Bergson é a ideia da continuidade irreduzível da vida, ou, segundo seus próprios termos, de “energia genética”, que “preserva o vivente de se associar ou de se combinar como que por junção ou justaposição para que esta energia fique somente constante”⁵⁵. Além disso, o dualismo de Weismann permite a Bergson de integrar a morte dos viventes à evolução indivisível da vida, já que o envelhecimento (a morte por razões internas) mostraria a marca da duração e da irreversibilidade criativa sobre o organismo.

“Considerada deste ponto de vista, a vida aparece como uma corrente que vai de um germe a um germe pelo intermediário de um organismo desenvolvido. Tudo se passa como se o próprio organismo não fosse mais que uma excrescência, um broto que o germe antigo faz despontar, ao trabalhar para se prolongar em um germe novo. O essencial é a continuidade de progresso que se prolonga indefinidamente, progresso invisível sobre o qual cada organismo visível cavalga durante o curto intervalo de tempo que lhe é dado para viver”⁵⁶.

Conservação freudiana e *criação* bergsoniana. Estes parecem ser os pontos de partida, como sugeriu com precisão Arnaud François⁵⁷, de duas propostas teóricas radicalmente distintas sobre a vida, a morte e suas articulações.

6. Conclusão

O estudo comparativo sobre as concepções de vida e morte em Bergson e Freud nos mostra não só duas propostas opostas sobre tais temas. Ele também nos revela certos problemas próprios a uma época, nos fornecendo assim mais uma peça do tortuoso quebra-cabeça que constitui a passagem do século XIX para o século XX, bem como

53 *Idem*, p. 53.

54 *Idem*.

55 FRANÇOIS, A. 2004, p. 131. BERGSON, H. 2008b, p. 27.

56 BERGSON, H. 2008b, p. 27.

57 FRANÇOIS, A. 2004.

o início deste. Isso pode ser observado pelo fato de que teses científicas não devem ser encaradas como meros adendos argumentativos. Antes, elas formam uma etapa constitutiva às pretensões mais especulativas de ambos os autores, pretensões que não raras vezes transbordam os limites impostos pelas ciências em questão. Mas se, por um lado, há um *além* a ser pensado, por outro, há também um *aquém* que não deve se furtar ao escrutínio da reflexão. Com isso queremos dizer que, paralelamente a uma metafísica ou a uma metapsicologia decorrente do embate com a teoria do plasma germinativo e com a lei da entropia, aparecem questões “existenciais”, relativas à vida ou à morte de uma perspectiva “vívida” ou “sentida”, e que não devem ser ignoradas. No caso de Bergson, devemos esperar sua última obra, *As duas fontes da moral e da religião*, para que tais problemas sejam adereçados de forma minimamente satisfatórias. À guisa de conclusão, deixemos registrado, no entanto, o texto de 1919, “A consciência e a vida”, considerado por alguns como uma espécie de resumo de *A evolução criadora*, mas cujas primeiras linhas já apresentam preocupações novas: “o que é perturbador, angustiante, apaixonante para a maior parte dos homens não é sempre o que ocupa o primeiro lugar nas especulações dos metafísicos. De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos? Eis as questões vitais...”⁵⁸. No caso de Freud, é a constituição de uma *clínica* psicanalítica o lugar de tensão e equilíbrio frente aos voos mais altos alçados pela metapsicologia.

7. Bibliografia

AUERBACH, F. *Ektropism oder die physikalische Theorie des Lebens*. Jena, 1910.

BERGSON, H. *L'énergie spirituelle*. Édition critique. Paris: PUF, 2009.

_____. *L'évolution créatrice*. Édition critique. Paris: PUF, 2008b.

_____. *Les deux sources de la morale et de la religion*. Édition critique. Paris: PUF, 2013.

_____. *Matière et mémoire*. Édition critique. Paris: PUF, 2008a.

_____. *Mélanges*. Paris: PUF, 1972.

58 Fruto de uma conferência pronunciada em inglês no dia 29 de maio de 1911 na Universidade de Birmingham, este texto possui duas versões anteriores, de 1911 e 1914, igualmente em língua inglesa. Ambas diferem da edição de 1919 e a publicada em 1911 pode ser encontrada em: BERGSON, H. *Life and consciousness* in BERGSON, H. *Mélanges*. Paris: PUF, 1972, pp. 915-933. A passagem que citamos encontra-se da seguinte maneira na versão original: “What are we? What are we doing here? Whence do we come and whither do we go? These, it seems, are the essential and vital questions...”.

BERTHELOT, R. *Évolutionnisme et platonisme*. Paris: Félix Alcan, 1908.

BOWLER, P. J. *Evolution: The History of an Idea*. Berkeley: University of California Press, 1989.

_____ *The Eclipse of Darwinism*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1992.

CAPEK, M. *Bergson and Modern Physics*, Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1971.

_____ *The philosophical impacts of contemporary physics*. New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1961.

ELLENBERGER, H. F. *The Discovery of the Unconscious*. New York: Fontana Press, 1970.

FRANÇOIS, A. La division de la vie: création, conservation e pulsion de mort chez Bergson et Freud in SITBON, B. *Bergson et Freud* (dir.). Paris: PUF, 2004.

FREUD, S. Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten (1905) in FREUD, S. *Gesammelte Werke VI*. London: Imago, 1940/ Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1968.

_____ Jenseits des Lustprinzips (1920) in FREUD, S. *Gesammelte Werke XIII*. London: Imago, 1940/ S. Fischer Verlag: Frankfurt am Main, 1968.

FULGENCIO, L. *Mach & Freud. Influências e Paráfrases*. São Paulo: Edições Concern, 2016.

_____ *O método especulativo em Freud*. São Paulo: Educ, 2008.

GAY, P. *Freud. A life for our time*. New York/London: W.W. Norton & Company, 1998.

GRÜNBAUM, A. *The foundations of psychoanalysis. A philosophical critique*. Berkeley: University of California Press, 1984.

JONES, E. *The life and work of Sigmund Freud – vol. 3*. New York: Basic books, 1957.

LALANDE, A. *La dissolution opposé à l'évolution*. Paris: Félix Alcan, 1899.

PICHOT, A. *Histoire de la notion de vie*. Paris: Gallimard, 1993.

SULLOWAY, F. J. *Freud, Biologist of the Mind*. New York: Basic Books, 1979.